

PREFÁCIO

As pessoas já têm mil noções feitas – bem antigas! – com relação à palavra “educação”.

Os pais e a escola têm de ensinar para as crianças, em palavras e só com palavras, quase tudo sobre os conhecimentos dos adultos e sobre a “boa educação” (de comportamento).

Educar é falar, explicar, justificar, aconselhar e demonstrar em palavras. E parece evidente para quase todos (!): a criança só começa a “ter cabeça” para aprender lá pelos 5 ou 6 anos. Antes disso, coitadinha, ela é quase uma débil mental – não sabe nada, não compreende nada... Tão inocente! (Na verdade, ela não compreende os adultos, que a compreendem menos ainda!)

O corpo, os movimentos, a visão e o próprio cérebro são ignorados pela Pedagogia e pela Família.

Criança é um puro espírito que fala e brinca, mais nada.

Dir-se-ia que existem no cérebro da criança só as pequenas áreas ligadas à fala.

Tudo isso é estranhíssimo, mas, como sempre se falou assim durante... milênios, a maior parte das pessoas não é capaz de perceber o absurdo nem pensar em outras possibilidades.

Este livro mostra – e demonstra – que o período em que a criança é “mais inteligente” (aprende depressa tudo que se queira ensinar a ela) vai do nascimento até mais ou menos os 6 anos de idade.

A fim de auxiliar o leitor a se familiarizar com essa idéia bem incomum, lembro alguns fatos elementares da Biologia.

Entre os mamíferos que vivem algumas dezenas de anos, a fêmea tem um filho a cada 5 anos, mais ou menos. Ele a acompanha, mama, aprende com ela e é protegido por ela. Exemplos: chimpanzés, golfinhos, baleias e nós!

Durante esse tempo, ela não é procurada por machos, não é fecunda – é apenas mãe e vive literalmente em função do filhote, podendo até, ao defendê-lo, morrer por ele.

Sabedoria da Natureza – claro. Esses grandes animais – na certa os mais inteligentes – têm muito mais a aprender em sua longa vida do que os de vida breve. Já os ratos, por exemplo, vivem poucos anos, têm ninhadas a cada semestre ou menos e aprendem apenas o necessário para continuar vivendo.

No meu tempo (primeira metade do século XX), sabia-se que durante a lactação a gravidez era improvável, e muitas mulheres mantinham a criança ao seio até que ela tivesse 3 ou 4 anos a fim de gozar dessa... regalia. Não era tão seguro quanto as pílulas, mas funcionava a maior parte das vezes. E, por menos que nos agrada admitir, depois do parto a mulher, durante um bom tempo, tem bem pouco interesse em relações sexuais. Como se vê, comportamento de mamífero que vive dezenas de anos.

Voltemos: à luz disso, não é de estranhar se dissermos (como está no meio deste livro) que a criança aprende mais nos 5 ou 6 primeiros anos de idade do que aprenderá em todo o resto da vida.

Isso se soubermos aproveitar. Repito: se começarmos a acreditar e a aproveitar. Principalmente se soubermos renunciar a nosso orgulho de adultos, reconhecendo que nossa missão mais alta é esta: preparar nossas crianças melhor do que fomos preparados, para um mundo que já é por demais diferente daquele em que nascemos.

Mais: este livro sobre educação tem muitas e muitas páginas sobre a fisiologia da motricidade (os movimentos do corpo), sobre a visão, a respiração, o cérebro e sua circulação sanguínea.

De novo, o leitor ficará perplexo: o que tem o corpo – afinal – que ver com a inteligência? Desde sempre nos foi dito que corpo e alma são diferentes, que a alma (ou o espírito) é muito superior à carne e que basta cultivar a inteligência – basta saber falar! – e o corpo comportar-se-á como deve.

Você vai ler muito a respeito desse corpo malvisto, mal compreendido e maltratado. E vai começar a perceber o preço pessoal e social dessa omissão. Espero que você tenha coragem de ir até o fim...

Expondo noções muito novas e complexas, nem sempre conseguirei ser tão claro quanto gostaria. Espero que você compreenda.

PRIMEIRA PARTE

NOSSO TEMA

Estão ocorrendo no mundo, atualmente, três revoluções à primeira vista independentes, as três exigindo revisão radical da noção de educação seja ela familiar, escolar ou – na falta de termo adequado – psicológica visando à formação da personalidade.

A mais falada e a mais evidente é a que se liga à eletrônica, à extensão ilimitada da comunicação mundial instantânea, à internet. O potencial revolucionário desta tecnologia (globalização) mal começa a ser compreendido – em particular, seu efeito sobre as novas gerações e sobre a economia mundial. Adiante direi alguma coisa sobre ela também.

No caso da segunda, proponho incluir, sob o termo “educação”, tudo que a psicoterapia vem deslindando tanto na área psicológica quanto na área social e médica: como a sociedade modela a personalidade e como a personalidade contribui para manter a sociedade. De modo especial, o que vem sendo deslindado em relação à influência do corpo sobre as funções mentais e à influência dos problemas mentais e emocionais sobre o corpo – e por meio dele sobre a sociedade!

A terceira, da qual vamos cuidar em primeiro lugar e bem extensamente, diz respeito à mais radical revolução pedagógica jamais havida ou sonhada em toda a história da humanidade.

Até hoje, acreditou-se que o ser humano nasce com aptidões mínimas de aprendizado, completamente ignorante e impotente, e só vai se tornando capaz de aprender por volta dos 4 ou 5 anos, à medida que consegue lidar melhor com as palavras (os conselhos, as explicações e os conhecimentos dos adultos). Só então ele passa a ser considerado candidato à socialização e... digno de ser aceito na escola, para aprender o que os adultos julgam importante.

A ser verdade o que aí está, esbarramos em uma enorme limitação da educação: a de que o principal da atividade escolar

refere-se ao aprendizado do que pode ser dito, posto em palavras, falado, lembrado e... re-falado. O aluno terá de ouvir (querendo ou não!), e espera-se que guarde mil noções sobre geografia, história, matemática, gramática e demais “matérias” do aprendizado básico.

No entanto, dados que já datam de cinco décadas, provenientes do estudo com centenas de milhares de crianças, desde lesionados cerebrais graves até crianças normais de todo o mundo, demonstram, além de qualquer dúvida razoável, **que é desde o nascimento até os 6 anos de idade que a criança apresenta sua maior capacidade de aprender. Essa constatação funda-se em outra: é nesse período que o cérebro passa pela maior parte de seu desenvolvimento.** A partir daí, essas duas capacidades vão se reduzindo consideravelmente.

Os três fundamentos da revolução pedagógica são:

- 1 aprender vai muito além das palavras;
- 2 todas as crianças nascem gênios em potencial;
- 3 é também na infância que se plantam na personalidade (no cérebro) as raízes da maior parte das perturbações mentais, psiconeuróticas e psicossomáticas de que os seres humanos podem sofrer.

De longa data acredita-se que o cérebro seja importante para o aprendizado em geral. No entanto, não sei de nenhum texto pedagógico que tente ligar de modo consistente aprendizado e cérebro. Piaget disse alguma coisa, apenas um começo.

Nos estudos que vamos apresentar e comentar aconselha-se a que sejam dedicadas muitas horas ao desenvolvimento cuidadoso da *motricidade e da visão*, funções que ocupam a maior parte da massa encefálica e sobre as quais pouco se fala na educação escolar, na educação familiar ou na psicologia.

À primeira vista, essas funções têm bem pouco de intelectuais!